

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS/PORTUGUÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2024)**

**UM ESTUDO SOBRE RACISMO, TRAUMA E MEMÓRIA EM *O AVESSO DA PELE*,
DE JEFERSON TENÓRIO**

Stefanny Thaianny da Costa Duarte ¹

Larissa Costa da Mata ²

Daniel Silva Guedes ³

RESUMO

No romance *O avesso da pele* (2020), Jeferson Tenório busca resgatar as marcas do racismo. Jeferson Tenório que é autor contemporâneo que vem se destacado na literatura de autoria negra por abordar temáticas como racismo, exclusão social e resistência. A trama se desenvolve em torno de Pedro, que após seu pai Henrique ter sido assassinado por policiais, luta em busca de compreender e resgatar o passado da sua família. A pesquisa tem como objetivo geral identificar como o racismo estrutural pode produzir vivências traumáticas reelaboradas pela memória dos personagens, principalmente no contexto das lembranças de Pedro sobre as experiências de Henrique relatadas ao filho no romance *O avesso da pele*. Portanto, este trabalho busca desenvolver uma discussão acerca de como o racismo estrutural pode produzir vivências reelaboradas pela memória dos personagens, principalmente no contexto das lembranças indiretas de Pedro sobre as experiências vividas por Henrique e relatadas ao filho no romance *O avesso da pele*. Assim, buscamos explorar uma interface entre a psicanálise e a interpretação literária, por meio da discussão sobre o racismo como eixo central. Como referencial teórico, utilizamos Almeida (2019) que discute o racismo estrutural como algo coletivo que está enraizado na sociedade e está enlaçado nas estruturas sociais, institucionais e políticas do país. Durão (2016) ao discutir sobre crítica literária em seus diversos aspectos, e dentre eles, a crítica de minorias, usada nessa pesquisa. Além disso, o psiquiatra antilhano Frantz Fanon (2008) discute as consequências sociais e psicológicas do colonialismo e do racismo sobre o indivíduo negro, preenchendo uma lacuna deixada pela psicanálise freudiana. Desse modo, este trabalho chegou a algumas considerações de que o racismo estrutural, retratado no romance, gera traumas que afetam profundamente tanto a psique como as relações das personagens. Assim, por meio da memória esses traumas são transmitidos de geração em geração por meio da memória.

Palavras-chave: Racismo estrutural; memória; trauma; *O avesso da pele*.

¹ Graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido, (UFERSA), E-mail: stefannycd42@gmail.com

² Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), E-mail: fernando.cordeiro@ufersa.edu.br.

³ Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), E-mail: fernando.cordeiro@ufersa.edu.br.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira contemporânea é marcada por uma pluralidade de vozes, na qual os escritores trazem novas concepções e narrativas acerca de temáticas como identidade, pertencimento e questões sociais. Desse modo, muitos escritores e estudiosos contemporâneos da literatura brasileira têm abordado questões sociais como a desigualdade e o racismo, transformando, assim, a literatura em um espaço de resistência que reflete os desafios da sociedade atual. Entre eles, Fábio Durão (1973), professor e crítico literário, é conhecido por suas contribuições tanto no campo da teoria literária quanto dos estudos culturais. Além disso, Regina Dalcastagnè (1967), pesquisadora e crítica literária, conhecida por analisar a literatura contemporânea brasileira, tem focado as representações de questões sociais, como marginalização e violência e se destaca igualmente por trabalhar essas temáticas.

Em seu ensaio, “Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais” (2012), Regina Dalcastagnè aborda como a literatura brasileira reflete as tensões sociais, como também a marginalização de grupos que historicamente foram silenciados e excluídos do meio literário, seja na condição de autoria, seja na de tema ou personagem. Dalcastagnè ainda destaca a importância de reconhecer a especificidade das vozes marginalizadas, por meio das quais esses grupos lutam por reconhecimento.

Nesse sentido, é indispensável ressaltar como a literatura afro-brasileira vem ganhando visibilidade e valorização. Escritores como Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Conceição Evaristo (1946) e Jeferson Tenório (1977), foco deste estudo, se destacam por trazer à tona questões de raça, identidade e sobretudo, resistência ao sistema, à tentativa de silenciamento das vozes marginalizada. Assim, a literatura afro-brasileira frequentemente explora a interseccionalidade, revelando, por exemplo, como a raça e a classe ou a raça e o gênero se entrelaçam nas experiências das personagens, evidenciando e enriquecendo a compreensão das complexidades da identidade negra. Logo, os estudos da literatura estão em uma constante evolução, uma vez que a intersecção entre esses aspectos tem gerado um amplo campo de pesquisa, colaborando para uma compreensão mais crítica do fenômeno literário, posto que essa questão diz respeito a uma atualização do cânone, composto predominantemente por escritores brancos e do sexo masculino.

Afora esse panorama, este artigo leva em consideração a relação entre a literatura e a psicanálise, dado que esse é um campo de estudo em que se explora como as narrativas podem refletir e aprofundar a compreensão no que diz respeito aos processos psíquicos. Dessa forma, embora a psicanálise tenha a intenção de compreender os mecanismos do inconsciente, os traumas emocionais que moldam a subjetividade humana, e a literatura tenha a capacidade de criar personagens multifacetados, que servem, como um espelho dos conflitos que habitam a psique humana, o nosso foco será construir uma reflexão que se aproxima das teorias psicanalíticas para refletir sobre o racismo. Como base teórica, exploraremos autores como Durão (2016) e Fanon (2008).

Frantz Fanon (1925-1961), foi um psiquiatra e filósofo martinicano. Em sua obra *Pele negra, máscaras brancas* (1952), ele explora as consequências sociais e psicológicas do colonialismo e do racismo sobre o indivíduo negro. Contemporaneamente, o filósofo camaronês Achille Mbembe, continuador da teoria de Fanon, esclarece que o racismo e o colonialismo se vinculam porque “o racismo não se apoiava em uma equação de ordem morfológica. Lidava com formas específicas de existência que o colonialismo, em particular, naquela altura se esforçava em liquidar”. (Mbembe, 2021, p.131). Dessa forma, o racismo não se baseia apenas em características físicas, mas em formas específicas de existência que o colonialismo tentava eliminar, ou seja, o colonialismo não apenas oprimia grupos raciais, mas também buscava deslegitimar suas culturas e seus modos de vida.

O livro *Pele negra, máscaras brancas* tem como ideia principal o conceito de alienação racial, segundo o qual o indivíduo negro, que vive em uma sociedade racista, na maioria das vezes, acabaria internalizando a “inferioridade” que lhe foi erroneamente atribuída pelos colonizadores, uma vez que, como Fanon argumenta, o indivíduo negro se vê através de uma lente distorcida pela opressão colonial e, para superar essa internalização, é necessário que o indivíduo reconstrua sua identidade, ou seja, passe por um processo de desalienação.

Fabio Akcelrud Durão, por sua vez, professor e crítico literário, é conhecido por suas contribuições no campo da teoria literária. Em seu livro *O que é crítica literária?* (2016), que é uma obra que aborda a crítica literária em seus diversos aspectos, se concentra nas contradições e nas zonas de conflito nela existentes; ou seja, um dos pontos que ele explora é a crítica de minorias, destacando a tensão entre objetividade e subjetividade. No caso da crítica literária de autoria negra, esse confronto evidencia as limitações de uma análise que se pretenda neutra. Ao invés de esconder as experiências pessoais, a crítica negra as traz para o centro, ampliando as possibilidades de entender e valorizar a literatura de maneiras mais ricas e inclusivas.

O avesso da pele (2020), de Jeferson Tenório, insere-se em uma interface entre racismo, psicanálise e memória. A narrativa, que se concentra nas lembranças de Pedro sobre seu pai morto, Henrique, explora as camadas dos traumas produzidos pelo racismo. Por sua vez, a memória vai além de um registro do passado, mas é um campo em que as dores herdadas se manifestam e se revelam. A psicanálise, então, nos oferece uma lente para entender como esses traumas moldam e estruturam o inconsciente, enquanto o racismo permeia as complexidades do viver e de se recordar das realidades desses personagens em um contexto de desigualdade racial.

Logo, esta pesquisa investiga como o racismo estrutural, conforme retratado em *O avesso da pele*, colabora para produzir traumas, resgatados e reelaborados pela memória dos personagens, especialmente no contexto das experiências de Henrique. A partir dessa análise, buscamos entender de que forma a psicanálise pode oferecer uma abordagem teórica para esclarecer os mecanismos inconscientes que perpetuam as estruturas racistas e como esses mecanismos impactam as relações sociais dos indivíduos.

Assim, veremos como a psicanálise oferece uma perspectiva valiosa para a leitura de textos literários, permitindo uma análise que vai além da superfície da narrativa. Nesse estudo, a psicanálise não é utilizada como ferramenta para discutir possíveis interpretações do inconsciente de personagens, mas fornece ferramentas para examinar temáticas sociais refletidas nos textos. Dessa forma, a psicanálise aplicada à literatura pode revelar como a obra reflete e comenta sobre aspectos da sociedade e da experiência humana.

Portanto, o nosso intuito foi o de analisar como é marcada a presença do racismo no romance, partindo da reconstrução das experiências traumáticas do personagem Henrique por seu filho. Assim, percebemos como esse processo de reconstituição revela como a memória dessas experiências molda a psique humana.

Isso posto, esta pesquisa tem por objetivo geral identificar como o racismo estrutural pode produzir vivências traumáticas reelaboradas pela memória dos personagens, principalmente no contexto das lembranças de Pedro sobre as experiências de Henrique relatadas ao filho no romance *O avesso da pele*. Além disso, pretendemos: a) examinar os relatos dos personagens que abordam o racismo, avaliando como a memória dessas experiências deixa marcas nas interações afetivas e na forma de estar no mundo dessas personagens; b) analisar como são construídas as relações sociais e institucionais na obra e como essas estruturas evidenciam a presença do racismo no contexto narrativo; e c) Compreender como o racismo estrutural se manifesta na narrativa em relação ao contexto histórico e social e como esses fatores estão ligados à contemporaneidade.

Jeferson Tenório se destaca na literatura por discutir questões raciais, sociais e identitárias. Ele ainda argumenta que não quer “[...] colocar o racismo como protagonista, ele não é e não pode ser protagonista da literatura. Assim como o nazismo e o fascismo. O que tem que sobressair são, justamente, essas relações existenciais, humanas, profundas. [...] (Lledó, 2023)” Assim, ele faz parte de uma geração de escritores afro-brasileiros e contemporâneos que lutam para dar visibilidade às suas experiências e as narrativas da população negra, isto é, exploram aspectos da identidade negra em um país no qual a herança da escravidão e do colonialismo ainda impacta as relações sociais.

Ademais, para entender a importância de Tenório na literatura brasileira contemporânea, é fundamental considerar o cuidado que ele dedica à linguagem em suas obras, algo que ele mesmo destaca ao refletir sobre seu processo criativo. Em entrevista, ele nos diz que “quando sento para escrever estou mais preocupado com os arranjos estéticos e linguísticos que preciso para fazer o livro. (Marko, 2023)”. Dessa forma, Tenório tem contribuído para a literatura, uma vez que suas obras vêm sendo discutidas em ambientes acadêmicos, estabelecendo sua posição como figura importante na literatura brasileira contemporânea.

Jeferson Tenório é conhecido por abordar em suas obras temas sociais que são frequentemente relacionados às camadas marginalizadas da sociedade. É autor do livro *O beijo na parede* (2013), vencedor do prêmio de “Livro do Ano” da Associação Gaúcha dos Escritores, que tem como protagonista o João, uma criança de 11 anos. João perdeu a sua mãe e vai morar com seu pai na cidade de Porto Alegre. Ele é adotado por uma prostituta, convive com uma mulher trans e com dois velhos próximos da morte num cortiço. Por sua vez, *Estela sem Deus* (2018) narra a vida de uma família que sofre com o abandono da figura paterna. Acompanhamos, dessa forma, a vida de uma adolescente que sofre com a carência de bens materiais. Além disso, Tenório recebeu grande destaque com seu romance *O avesso da pele*, livro que explora questões como racismo, violência e identidade na cidade de Porto Alegre e que foi o ganhador do Prêmio Jabuti no ano de 2021.

O avesso da pele se constrói a partir das experiências de seus personagens, especialmente Henrique e Pedro (protagonistas), que carregam as marcas físicas, emocionais e psicológicas do racismo estrutural. São pessoas negras que vivem em uma sociedade racista. Através da jornada de Pedro para reconstruir os passos de seu pai, Henrique, somos confrontados com a dura realidade da violência racial e as consequências traumáticas que essa tem sobre as vidas das pessoas negras.

Ao conduzir a história em Porto Alegre, no Sul do Brasil, o autor não apenas nos proporciona a singularidade desse cenário, mas também lança luz sobre a forma como o racismo está profundamente arraigado em todas as regiões do país. No romance, há a resistência à tentativa de apagamento das memórias vivas das experiências de Henrique, evidenciando que a luta contra o racismo não é apenas uma batalha do passado, mas uma jornada contínua que precisa ser travada diariamente.

No que se refere à literatura negra contemporânea, Jeferson Tenório se destaca por articular questões sociais e raciais por meio de uma narrativa sensível. Assim, ele explora a complexidade das relações raciais no Brasil, possibilitando uma perspectiva que ressoa com as vivências de muitos brasileiros negros. Dessa forma, o trabalho de Tenório pode ser visto como em consonância com a produção de escritores negros que buscam questionar as narrativas dominantes. Logo, Abrantes (2020) ressalta sobre Tenório que “o autor acaba apontando a forma como os fatores sociais afetam direta ou indiretamente a subjetividade do indivíduo. Nesse sentido, Tenório leva os leitores “a entender melhor o que é ser negro no Brasil - e o que significa ser branco em uma sociedade racista” “(Dalcastagnè, 2008, p.108)” (Abrantes, 2020, p.3)”

1 Reflexões sobre racismo, memória e estereótipos

Na literatura contemporânea, a memória funciona como um espaço de reflexão sobre traumas e identidades, assim como um repositório de experiências passadas, pessoais e familiares. Assim, a narrativa de Tenório explora as complexidades das memórias tanto individuais quanto coletivas ou familiares. Logo, em *O avesso da pele*, Pedro recorre às memórias indiretas a fim de evitar que as experiências violentas ligadas ao racismo, vividas por seu pai Henrique, continuem a se repetir na sua própria vida e de outros indivíduos com a mesma cor de pele. Isso porque, segundo Sigmund Freud, a memória é elemento um aspecto principal para a compreensão da psique humana, uma vez que envolve o processo de lembrar, repetir e elaborar o comportamento do indivíduo.

Baseando-se no texto de Beatriz Sarlo, *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007), podemos discutir e entender a noção de pós-memória como uma reconstrução dos eventos que não foram vividos diretamente pelo sujeito, mas que são evocados por meio de narrativas e experiências de gerações anteriores. Logo, entendemos a pós-memória como uma forma de lembrança que está fundamentada em relatos indiretos sobre os eventos, como ocorre no caso de Pedro com relação à Henrique:

[...] essa memória pode se tornar um discurso produzido em segundo grau, com fontes secundárias que não vêm da experiência de quem exerce essa memória, mas da escuta da voz (ou da visão das imagens) dos que nela estão implicados. Essa é a memória de segunda geração, lembrança pública ou familiar de fatos auspiciosos ou trágicos. O prefixo pós indicaria o habitual: é o que vem depois da memória daqueles que viveram os fatos e que, ao estabelecer com ela essa relação de posteridade, também tem conflitos e contradições característicos do exame intelectual de um discurso sobre o passado e de seus efeitos sobre a sensibilidade. (Sarlo, 2007, p. 92)

Pedro é um sujeito que busca refúgio nas memórias, nas experiências e nas histórias que permearam a vida de seus pais, na esperança de entender e enfrentar o abandono que o assombra desde a infância até a vida adulta. Quando Pedro perde o seu pai, Henrique, em uma operação policial, ele se vê forçado a recolher-se, mergulhando em si mesmo para confrontar essa nova realidade e abraçar os desafios que o aguardam.

Quando discutimos o racismo e o movimento de recordar e repetir na tentativa de elaborar algo diferente, é importante reconhecer que isso pode ser uma parte significativa dessa experiência. O racismo, como sistema de opressão e discriminação baseado na raça, muitas vezes desafia profundamente a compreensão

Por esse motivo, na teoria freudiana de *Lembrar, repetir e elaborar* (2017) nos oferece a perspectiva pela qual podemos entender como os indivíduos lidam com os traumas. Assim, lembrar envolve trazer à tona as memórias reprimidas e confrontar essas experiências de forma consciente.

O lembrar, então, configura-se de modo muito simples naqueles tratamentos hipnóticos. O paciente transportava-se para uma situação anterior, que ele parecia nunca confundir com a situação presente, informava os processos psíquicos delas, até onde haviam permanecido normais, e acrescentava o que poderia resultar da transformação dos processos então inconscientes para consciente. (Freud, 2017, p. 2).

Portanto, como conceitua Freud, o lembrar está associado a se transportar para situações passadas na tentativa de trazer à consciência as memórias reprimidas. Assim, quando o sujeito não se lembra daquilo que reprimiu ou esqueceu, ou seja, ele reproduz os

eventos não como memória, mas como ação, repetindo sem se dar conta dos padrões do seu trauma, inconscientemente.

Nessa perspectiva, ao falar sobre a repetição, Freud argumenta que a repetição de experiências passadas vai além de uma simples recordação consciente, ou seja, ele observou que os indivíduos, na maioria das vezes, revivem padrões de comportamento ou situações que refletem padrões de experiências anteriores de maneira inconsciente. Assim, essa repetição ecoa como dinâmicas emocionais, ou seja, influencia as pessoas na vivência de suas emoções, afetando o comportamento delas.

Por fim, no contexto freudiano, a elaboração é o processo pelo qual uma pessoa trabalha as memórias e conflitos inconscientes que surgem durante a terapia, ou seja, Freud acreditava que a elaboração era o processo pelo qual o sujeito supera a resistência ao evento originário do trauma que, por isso, inicialmente se manifesta como repetição e, depois de enfrentar e resgatar esses acontecimentos, o sujeito pode resolver os seus conflitos inconscientes.

Por sua vez, Fanon (2008) ainda nos mostra que a psicanálise freudiana deixa lacunas no que diz respeito a não considerar as especificidades raciais na formação da psique. Logo, ele argumenta que Freud, em suas teorias, não consegue capturar a complexidade das experiências vividas por indivíduos negros, principalmente em contextos de opressão:

Muito já se falou da psicanálise em relação ao negro. Desconfiando das aplicações que dela poderiam ser feitas, preferimos intitular este capítulo “O negro e a psicopatologia”, já que nem Freud, nem Adler, nem mesmo o cósmico Jung contemplaram os negros no decorrer de suas pesquisas. No que estavam cobertos de razão. Com demasiada frequência se esquece de que a neurose não é constitutiva da realidade humana. Queira-se ou não, o complexo de Édipo está longe de ser uma realidade entre os negros. (Fanon, 2008, p. 123)

Além disso, a estereotipação da figura do negro como um indivíduo subalternizado à figura branca permanece em uma sociedade presa a padrões mentais e, assim, naturaliza o racismo e a discriminação. Dessa forma, Fanon (2008) revela como o racismo é usado pelo colonialismo para justificar a opressão aos não brancos, apontando-os como indivíduos supostamente inferiores (“bestas brutas”) que estariam destinados a servir aos interesses do homem branco.

Nesse sentido, Fanon (2008) argumenta:

[...] começo a sofrer por não ser um branco na medida em que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, extorque de mim todo o valor, toda a originalidade, diz que eu parasito o mundo, que preciso o quanto antes acertar o passo com o mundo branco, “que somos bestas brutas; [...] que somos um esterco ambulante hediondamente promissor de canas tenras e algodão sedoso e [...] que não temos nada a fazer no mundo”. (Fanon, 2008, p. 83).

Diante do exposto, é importante destacar como a análise de Fanon nos incita à ação para modificar as estruturas de poder que perpetuam a marginalização. Percebemos como as injustiças e opressões sofridas pelos não brancos ainda estão fortemente enraizadas na cultura brasileira. Dessa maneira, sua obra nos convida a examinar as dinâmicas sociais e as maneiras como o racismo continua a afetar a realidade das pessoas negras.

Além disso, Fanon (2008) argumenta que “Em relação ao negro, na realidade, tudo se desenrola no plano genital.” “[...] Os negros, por sua vez, têm a potência sexual.” (Fanon, 2008, p. 126-127). Dessa forma, Fanon sugere que as percepções sobre o indivíduo negro são sempre reduzidas à sexualidade e ao seu corpo. Logo, essa visão reduz a um estereótipo que ignora a complexidade das pessoas, conforme é possível perceber igualmente no romance de

Tenório: “[...] e então, como ele é? Tem pegada mesmo, como dizem dos negros? E o pau dele? É grande? É verdade que eles são insaciáveis? Qual o cheiro dele?” (Tenório, 2020, p.30).

Como se sabe, o Brasil, país marcado por heranças de discriminação, a cor da pele surge como um fator determinante nas interações, seja em um âmbito profissional ou social. Dessa forma, no contexto brasileiro, as influências da era escravocrata e do colonialismo moldaram significativamente a estrutura social e o tratamento das pessoas com base em sua cor de pele.

Sendo assim, Sílvia Almeida (2019)⁴ trata do racismo, contemporaneamente, como algo que está fixo, implantado na nossa sociedade, que não se limita a um conjunto de preconceitos individuais, mas que é algo coletivo e está traçado nas estruturas sociais, institucionais e políticas do país. Nesse sentido, o autor sustenta que:

O racismo – que se materializa como discriminação racial – é definido por seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. (Almeida, 2019, p. 22)

Partindo da citação acima, percebemos que o aspecto principal para a compreensão do racismo é sua natureza sistêmica. Se o racismo se constrói por meio de um sistema, não se limita a casos isolados e afeta a todos. Desse modo, estamos reconhecendo a necessidade de abordagens estruturais e sistêmicas para que possamos enfrentar essa questão e analisar de forma mais detalhada o racismo estrutural.

Um exemplo de racismo estrutural pode ser observado no episódio em que Marta, a mãe de Pedro, mostra uma visão distorcida do racismo, uma vez que acredita que ao falar sobre a cor da pele estaria fortalecendo o preconceito, ao invés de denunciá-lo: “[...] aliás, para ela o racismo se fortalecia justamente quando começávamos a falar sobre ele, que isso era uma coisa que já deveria ter sido superada” (Tenório, 2020, p. 80).

Dentro desse contexto, Christian Dunker (2021) argumenta que o racismo esteja vinculado ao sofrimento enquanto uma experiência improdutiva de determinação. Ainda argumenta que o racismo é multifacetado, como também explica que essa opressão é herança de um período colonial. Logo, o autor destaca como esse preconceito, ao longo do tempo, adaptou-se e tornou-se parte da organização social, mantendo práticas de segregação e desigualdade enraizadas nas instituições e na cultura:

O racismo é uma condição interseccional ligada ao sofrimento como experiência improdutiva de determinação. Faz parte do processo colonizador e da invisibilização desse conflito que trafega de um traço de segregação, de preconceito e de agressão para outro. (Dunker, 2021, p. 66)

Com base no que foi mencionado, entende-se que o racismo está longe de ser uma entidade isolada, mas sim um elemento interligado a um sistema vasto de exploração proveniente da colonização. Logo, ao adotarmos o racismo como parte integrante de um legado colonial, estamos dispostos a compreender como as estruturas de poder continuam a marginalizar com base em características como a cor da pele e a etnia, segundo veremos na

⁴Sílvia Almeida, professor e um dos maiores especialistas em questões raciais no Brasil, ocupou o cargo de Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania entre janeiro de 2023 e setembro de 2024, quando foi demitido em virtude de denúncias de assédio sexual e moral. Lamentamos profundamente pelo seu possível envolvimento com esses casos, hoje em processo de investigação.

análise do romance de Jeferson Tenório.

2 Pedro e a reconstrução da memória

Como vimos, o romance narra a história de Henrique, pai de Pedro, professor negro que carrega as marcas da opressão. Pedro busca entender e dar sentido às experiências de Henrique, conectando-as com a sua própria vivência como jovem negro. Ao longo da narrativa, Pedro não apenas lembra os eventos traumáticos que marcaram a vida de seu pai, mas também os reinterpreta. Assim, a narrativa é marcada por um movimento contínuo de recordar e repetir as experiências do pai, ao modo que nos sugere a psicanálise freudiana, mas com a intenção de transformar essas memórias em um saber próprio, ou seja, isso esteja relacionado à capacidade de Pedro de compreender as experiências do seu pai à luz da sua própria visão como jovem negro.

A ausência de Henrique na vida de seu filho (depois de morto, mas também na estrutura familiar) é uma ferida aberta que permeia sua existência. Como narrador, o filho reconstrói a vida e a memória de seu pai, recorrendo a lembranças e a objetos significativos. Dessa forma, sente a necessidade de compreender quem era Henrique e o que ele representava, tanto como pai quanto como indivíduo. Para isso, ele se envolve em um movimento constante de recordar os momentos passados com o pai e repetir as histórias que ouviu e viveu. Este processo de lembrar e repetir é uma tentativa de elaborar um entendimento mais profundo e pessoal sobre sua própria identidade e sobre o legado de seu pai.

Vale observar que a falta de Henrique se deu mesmo em vida e por ser vista como um reflexo de uma genealogia familiar marcada por “pais ausentes”. Por exemplo, a mãe de Henrique foi abandonada pelo pai, o que influenciou a dinâmica familiar no decorrer de sua vida e como também moldou a sua infância. Portanto, a falta de um pai presente ocasionou marcas na formação da identidade de Henrique, refletindo uma luta contra a solidão e a busca por pertencimento em um contexto no qual a figura paterna deveria ser um pilar de segurança e sua falta impacta negativamente nas condições financeiras da família, conforme é possível perceber igualmente no romance de Tenório (2020):

[...] Você tinha um ano de idade quando seu pai sumiu no mundo. Sua mãe se viu obrigada a dar um jeito. E você cresceu vendo a sua mãe dar um jeito nas coisas. [...] Anos a fio, suportar a pobreza, o racismo e a ausência paterna foi uma espécie de sinônimo da vida. (Tenório, 2020, p. 72).

No início da obra, Tenório (2020), nos apresenta um trecho que reveste a complexa dinâmica emocional entre Pedro e seu pai ausente, pois o jovem não só relembra as características paternas, como também revela como essas lembranças moldaram sua própria percepção da ausência. Já no primeiro capítulo do livro, inserido na parte intitulada “A pele”, podemos perceber que a motivação da narrativa de Pedro estava em explorar as memórias e as repetições, que caracterizam a sua busca por compreensão: “Às vezes você fazia um pensamento e morava nele. Afastava-se, construía uma casa assim. Longínqua. Dentro de si. Era esse o seu modo de lidar com as coisas. Hoje, prefiro pensar que você partiu para regressar a mim. (Tenório, 2020, p. 13)”.

Quando Pedro menciona “Hoje, prefiro pensar que você partiu para regressar a mim”, percebemos que vê na ausência de seu pai uma chance de visitar e reinterpretar as memórias dolorosas. Em vez de se sentir abandonado, ele tenta entender as ações de Henrique e as complexas circunstâncias que as moldaram.

Henrique enfrenta o racismo e a discriminação de uma maneira que frequentemente envolve a repetição de traumas. Sua maneira de lidar com a opressão é se afastar e se refugiar em si mesmo, construindo uma espécie de proteção interna contra as agressões externas. Dessa forma, esse comportamento de Henrique pode ser visto como uma tentativa de evitar o confronto direto com os eventos traumáticos.

Isso se deu, por exemplo, quando Henrique evita a autopiedade a fim de se proteger de sentimentos como a dor e, assim, evitar que o sofrimento se torne enraizado: “E quando você falha, quando você cai, você precisa abrir mão da autopiedade (Tenório, 2020, p. 91). Então, em vez de lembrar e processar conscientemente suas experiências, ele se retira para um espaço interno no qual os traumas são repetidos de maneira simbólica. Como Henrique procura suprimir a dor, fingir que ela não existe e leva a existência em uma espécie de “piloto automático”, o seu corpo parece incorporar o seu sofrimento na forma de uma “ferida aberta”, literalmente, no seu estômago, a qual se mantém simbolicamente, mesmo quando está cicatrizada:

Nesse período, você ganhou peso, sua úlcera fechou e não havia mais uma ferida aberta no seu estômago, mas às vezes quando você chora, quando lembra que pode chorar, você tem a sensação de que aquela ferida de meio centímetro sempre estava dentro de você, desde o momento em que nasceu até a sua vida adulta (Tenório, 2020, p. 23).

Ao falarmos sobre a complexa experiência de opressão vivida por jovens negros, revelamos como muitos são forçados a construir mecanismos profundos de autoproteção diante de uma sociedade que insiste em marginalizá-los. Esse ato de retraimento, ou seja, a opção de se resguardarem diante de perguntas superficiais sobre suas realidades, vai além de um simples silêncio. É, na verdade, uma forma ativa de resistência, um gesto de sobrevivência emocional. Nesse refúgio interno, esses jovens protegem suas identidades e angústias das lentes redutoras e estereotipadas que tentam aprisioná-los. Em vez de se submeterem a interpretações simplistas ou condescendentes, eles cultivam um espaço interior no qual sua complexidade humana é preservada, mesmo quando o mundo lá fora se recusa a reconhecê-la, conforme é possível perceber no romance de Tenório:

Pessoas brancas nunca pensam que um menino negro e pobre possa ter outros problemas além da fome e das drogas. Eles te perguntaram o que estava acontecendo. Você não respondeu. Você se guardou. Escondeu o tumulto vital que eles nunca iriam compreender (Tenório, 2020, p. 89)

Portanto, Pedro reinterpreta a partida de seu pai não como um abandono, mas como uma forma de retorno. Ele tenta trazer à tona os eventos traumáticos que marcaram a vida de Henrique e integrá-los em uma nova narrativa que permita uma compreensão mais curativa. Dessa maneira, Tenório (2020) explora a essência da perda, destacando a permanência da ausência e a dificuldade emocional de aceitação da perda.

Eu não queria apenas a sua ausência como legado. Eu queria um tipo de presença, ainda que dolorida e triste. E apesar de tudo, nesta casa, neste apartamento, você sempre será um corpo que não vai parar de morrer. Será sempre um pai que se recusa a partir (Tenório, 2020, p. 13).

Logo, Pedro reconhece a presença constante de Henrique em sua vida, mesmo após sua morte. A aceitação da presença dolorosa de seu pai é um passo importante na elaboração das memórias traumáticas. Pedro não nega ou reprime a dor, mas a incorpora em sua identidade, permitindo uma transformação pessoal e emocional. Assim, a relação entre Pedro

e Henrique é marcada por um esforço contínuo de Pedro para trazer à luz as memórias de seu pai, não apenas para entender seu próprio passado, mas também para dar sentido à sua identidade e à resistência contra o racismo.

Pedro, ao contrário de seu pai que evitou essas lembranças, busca ativar um processo de elaboração das memórias dolorosas. Ele tenta integrar as experiências de Henrique em sua própria vida, transformando a dor em uma fonte de compreensão. Podemos perceber isso no seguinte recorte, ainda do primeiro capítulo:

Há nos objetos memórias de você, mas parece que tudo que restou deles me agride ou me conforta, porque são sobras de afeto. Em silêncio, esses mesmos objetos me contam sobre você. É com eles que te invento e te recupero. É com eles que tento descobrir quantas tragédias ainda podemos suportar. Talvez eu deseje chegar a algum tipo de verdade. (Tenório, 2020, p.14)

Dessa forma, Pedro utiliza esses objetos para inventar e recuperar a imagem do pai, tentando descobrir quantas tragédias ainda pode suportar e buscando chegar a alguma forma de verdade sobre o pai. Assim, essa busca incessante por uma verdade sobre o seu pai, Henrique, é um exemplo nítido de como a pós-memória opera, ou seja, Pedro está reconstituindo a memória de seu pai, como também lidando com as implicações identitárias que essa memória carrega. Portanto, essa busca pela verdade é uma característica da pós-memória, na qual a lembrança é interpretada e permeada pelas novas gerações. Essa relação se dá, igualmente, pelo fato de o estímulo para a elaborar a reminiscência das experiências paternas tenha sido o evento trágico que provocou a sua morte, a abordagem policial equivocada.⁵

Além disso, o processo de lidar com os objetos como veículos de memória e afeto, tentando reconstruir a figura paterna e compreender suas próprias emoções, pode ser interpretado como uma forma de elaboração das memórias e dos afetos ligados à figura paterna, conforme proposto pelo psicanalista vienense Sigmund Freud no ensaio *Lembrar, repetir e elaborar* (2017).

A afirmativa “é com eles que te invento e te recupero” ilustra o movimento de Pedro entre lembrança e repetição. O personagem está tentando reconstruir a imagem de seu pai a partir das memórias fragmentadas. Esta reconstrução é uma forma de elaborar, ou seja, de trabalhar essas memórias e experiências para chegar a uma compreensão mais clara e integrada. Essa visão transformadora é uma tentativa de dar novo sentido a uma experiência dolorosa e paralisante. Pedro percebe que seu pai, Henrique, enfrentou traumas e desafios imensos. Ele começa a ver a “partida” do pai não apenas como abandono, mas como um ato de proteção, tanto para Henrique quanto para ele mesmo.

No romance de Jeferson Tenório, um dos momentos mais impactantes ocorre quando Henrique, o pai de Pedro, experimenta pela primeira vez o ferro frio das algemas em seus pulsos. Ele é acusado de roubo, é agredido e quase morto antes de ser preso, sendo tomado como uma espécie de bode expiatório pela população que testemunhou os eventos. Isso se dá logo no segundo capítulo do livro, na parte intitulada *A pele*:

Foi a primeira vez que você sentiu o ferro frio de uma algema nos pulsos. Ao seu redor, pessoas te xingavam e te chamavam de ladrão e ainda diziam que daquela você não escaparia. Somente na delegacia as coisas foram esclarecidas: você havia sido confundido com um bandido. (Acharam que você tinha roubado o boné de um daqueles moleques.) E ser confundido com bandido vai fazer parte da sua trajetória. E você vai custar a compreender por que essas coisas acontecem. (Tenório, 2020, p.19).

⁵ Por essa razão, Mariana Hirsch estudara sobre os sobreviventes do Holocausto para poder elaborar o conceito, enquanto Beatriz Sarlo, por sua vez, focaliza sobre os discursos dos filhos de pais desaparecidos durante o regime militar na Argentina. (Sarlo, 2007).

O período “E ser confundido com bandido vai fazer parte da sua trajetória. E você vai custar a compreender por que essas coisas acontecem.” é crucial para entender como os eventos traumáticos se repetem e são processados na vida de Henrique e também como esse evento traumático ficará marcado em sua memória. Esse evento não é isolado, mas sim um precursor de muitos outros episódios similares, em que ele será injustamente acusado e tratado como criminoso devido ao racismo estrutural. A lembrança desse primeiro incidente torna-se uma memória dolorosa que ele carrega consigo.

Portanto, Almeida (2019) defende que o racismo é algo que está implantado na sociedade, que está ligado às estruturas políticas, sociais e também institucionais do país, isto é, o racismo é estrutural e estruturante dentro da sociedade. Sendo assim, constitui-se por um conjunto de preconceitos coletivos que garante que os privilégios sejam distribuídos desigualmente entre os diferentes grupos raciais.

Dessa forma, o racismo não se trata de um evento isolado na vida de um único indivíduo. Ao relatar as vivências de Henrique, seu filho Pedro, tenta transformar a dor em uma narrativa que possa ser compreendida e curada. Assim, a narrativa se torna uma estratégia de resistência a qual permite que Pedro enfrente seu luto ao mesmo tempo em que busca significados a fim de romper essa continuidade da dor.

Como retratado na passagem acima, Henrique nos relata sobre a sua primeira experiência em uma abordagem policial, seguida de prisão. Isso revela tanto a brutalidade do racismo como também mostra como esse trauma é recordado, reiterado e, na medida do possível, assimilado. Por meio da teoria de Freud, podemos perceber que Henrique é aprisionado em um ciclo de repetição do trauma de sua própria experiência. Logo, a trajetória de Pedro para lembrar e narrar a vida de seu pai pode ser vista como uma tentativa de elaborar e resolver essas feridas abertas.

Nesse sentido, o romance também nos traz uma visão da relação entre pai e filho, uma vez que é permeada pela ausência e pela tentativa de compreender como essa ausência ressoa no presente, principalmente na formação de Pedro enquanto homem. Logo, no capítulo dez do livro, da seção intitulada *A barca*, reflete sobre o desejo de Pedro de se conectar com o pensamento de seu pai, abordando a memória e a dor da perda.

Eu queria ter morado num pensamento teu. Como uma forma de amor. Um amor entre pais e filhos. Um amor intelectual, silencioso e delicado. Mas eu tenho a morte de um pai ainda muito próxima. Acho que inventei uma memória sobre você sem a distância e a maturidade necessárias. Sei disso, mas a minha ingenuidade é tudo que tenho. Esta história é ainda a história de uma ferida aberta. É uma história para me curar da falta daquilo que você, repentinamente, deixou de ser (Tenório, 2020, p.193-194)

Como vemos, Pedro revela seu desejo profundo de ter compartilhado um pensamento com seu pai, uma ligação que transcende a presença física do pai e busca um entendimento mais profundo e intelectual. Essa lembrança não é apenas um exercício de nostalgia, mas um ato de reconexão com uma parte de si que sente ter perdido. Pedro reconhece que suas memórias são formadas sem a devida “distância e maturidade”, indicando uma consciência crítica de que sua perspectiva sobre o passado é ainda imatura e idealizada. Ele admite: “Acho que inventei uma memória sobre você sem a distância e a maturidade necessárias.” Esse reconhecimento é crucial, pois mostra que o rapaz está ciente da distorção e da idealização em suas lembranças, um passo fundamental para a compreensão e o processamento de seu luto.

3 O corpo negro e o racismo

Ao falar sobre o corpo negro, Frantz Fanon discute que, na maioria das vezes, esse é

associado a estereótipos, geralmente ligados à sexualização. Assim, essa erotização também se fundamenta no princípio de dominação, ou seja, como o corpo negro é visto normalmente como um objeto de prazer, o que o associa a características “selvagens” e instintuais. Dessa forma, Fanon argumenta que essa objetificação ocasiona um complexo de inferioridade no indivíduo, fazendo com que exista uma distorção de sua identidade e do seu valor, conforme podemos constatar no romance de Jeferson Tenório.

Como sabemos, a trama se desenvolve em torno da família de Henrique, composta por ele, sua esposa Martha e seu filho Pedro. A vida de Henrique é desvelada desde os dias turbulentos de sua infância, marcados pelo abandono de seu próprio pai e pela partida de sua mãe para Porto Alegre. Conforme Henrique amadurecia, descobria na educação seu refúgio, buscando na faculdade um novo rumo. Foi nesse contexto acadêmico que ele cruzou caminhos com Martha, destinada a se tornar não apenas sua esposa, mas uma parceira marcada por suas próprias batalhas desde o momento de seu nascimento.

Ao abordar sobre o racismo e como isso atinge o corpo negro, Fanon discute como a identidade racial é influenciada pela opressão do outro. Ele ainda argumenta que os negros, ao viverem em uma sociedade racista, na maioria das vezes, sentem a necessidade de usar certas “máscaras” para se encaixar nas expectativas da cultura branca dominante e escapar dos estereótipos que lhe foram delegados. No segundo capítulo, de *A pele*, nos é mostrado o momento em que Henrique busca um emprego e passa por um episódio de racismo:

[...] Assim, com total domínio da situação, Bruno disse, com muita naturalidade, que não gostava de negros. Você levantou os olhos. Bruno não se intimidou e repetiu a frase: não gosto de negros. Talvez ele esperasse alguma reação sua. Mas nada aconteceu. Você permaneceu imóvel. [...] Até aquele momento você nunca havia sofrido racismo, assim, tão descaradamente, não que você se lembre. [...]. Mesmo assim você não reagiu. Bruno seguiu com a entrevista, disse que ia te dar uma chance, porque achava que podia te salvar das drogas, mesmo que você nunca tivesse experimentado drogas. Ele também queria te salvar das armas e da violência. (Tenório, 2020, p. 20-21)

Na entrevista, Henrique pode estar enfrentando essa dinâmica, de acordo com a qual ele precisa se apresentar de uma maneira que não desafie as normas raciais, mas que também não o faça perder sua identidade. Ou seja, percebemos que a fala de Bruno “que podia te salvar das drogas, mesmo que você nunca tivesse experimentado drogas.” supõe que Henrique, por ser negro, é necessariamente marginalizado na sociedade quanto à sua cor. A luta interna de Henrique para ser aceito enquanto mantém sua autenticidade pode ser vista como uma manifestação da teoria de Fanon, de modo que ele tenta equilibrar sua identidade negra com as expectativas do ambiente de trabalho predominantemente branco.

Ainda dentro dessa perspectiva, Fanon discute como a experiência do negro é marcada por traumas que moldam tanto a sua identidade quanto a sua relação com a sociedade. O teórico martinicano sugere que, mesmo que um negro não tenha contato direto com a opressão, a história e a cultura de opressão ainda exercem um grande impacto não só na sua psique, mas também nas suas reações com o contexto social, educacional e familiar.

Sabemos que a cor da pele é um fator que tanto atravessa o corpo como define o seu modo de estar no mundo de um indivíduo. Essa afirmação aponta claramente a realidade de que características visíveis, como a cor da pele, são determinantes na maneira como a pessoa é tratada pela sociedade. Logo no capítulo 4, de *O avesso*, destaca-se a seguinte cena:

É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem

de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. (Tenório, 2020, p. 64)

Fanon (2008) defende que, na maioria das vezes, a sociedade vê o indivíduo negro através de uma lente distorcida, através da qual o associa a características negativas. Logo, essa imagem estereotipada surge de uma percepção errônea que ignora tanto a individualidade quanto a complexidade da experiência negra: “Negro = biológico, sexo, forte, atlético, potente, boxeador, Joe Louis, Jesse Owens, fuzileiros senegaleses, selvagem, animal, diabo, pecado”. (Fanon, 2008, p. 131).

A preservação do “avesso” refere-se à necessidade de proteger e manter intacta a parte mais íntima e essencial da identidade pessoal. Esse conceito, portanto, sugere que, apesar das pressões externas e das influências sociais, existe um núcleo interior que é singular. Freud nos descreve esse núcleo como parte do inconsciente, na qual reside a verdadeira essência do indivíduo, que está livre das distorções impostas pelas expectativas sociais. Assim, o conceito de preservar o “avesso” pode ser entendido como a necessidade de manter e proteger a interioridade do indivíduo, ou seja, aquilo que não é visível aos olhos dos outros.

Dentro desse cenário, a relação entre Henrique e Juliana, a sua namorada da juventude, torna-se um ponto crucial para discutir e refletir as dinâmicas de estereótipos que atravessam as interações humanas. O seguinte trecho exemplifica essa complexidade, uma vez que destaca como o amor pode ser um ato de resistência em uma sociedade que ainda luta contra o racismo. “A presença de Juliana te dava uma espécie de salvo conduto em certos ambientes. Porque, quando você estava com ela, você não era qualquer negro diante dos outros. Você era especial.” (Tenório, 2020, p.31).

Além disso, ressaltamos que a percepção de Laura em relação a sua própria objetificação difere das experiências de seu irmão Henrique. Laura se dá conta de que, como uma mulher negra, é constantemente rotulada pelos estereótipos que desumanizam a sua identidade; Henrique por sua vez, foi um jovem negro que, antes de se tornar consciente de sua identidade, sentia-se “especial” quando acompanhado de uma mulher branca, mesmo que tenha passado a centralizar as imagens problemáticas e superficiais sobre os negros reiteradas pela família da namorada⁶. Enquanto Laura está sempre em luta contra a desvalorização em relação a sua cor de pele, Henrique, por outro lado, experimenta uma forma de validação social por meio da sua relação com uma mulher branca:

Ela [Laura] nunca teve um namorado branco. Na verdade, poucos homens brancos olhavam para ela. E, quando percebeu que isso era devido a sua pele retinta, quando notou que os homens brancos não gostavam do cabelo dela, quando entendeu que ela só servia como fetiche sexual, Luara passou a rebater o mundo branco sempre que podia. (Tenório, 2020, p. 33).

Pedro, durante a narrativa, cita uma série de abordagens que seu pai sofre desde a sua infância até a vida adulta. Um dos episódios acontece quando, aos cinquenta anos, Henrique é mais uma vez confundido com um bandido pelos policiais, no momento em que está a caminho do trabalho. Diante de tantas abordagens, Henrique já “estava cansado daquilo. Cansado de ter que dar explicações para a polícia” (Tenório, 2020, p. 148), pois como Pedro destaca “um suspeito é sempre um suspeito, mesmo que a polícia te libere e te diga bom-dia e tenha-um-bom-trabalho. Você, aos cinquenta anos, continuou sendo um suspeito” (Tenório, 2020, p. 149).

⁶ “[...] pois disseram que você era mais resistente à dor, disseram que a pele negra custa a envelhecer, que você deveria saber sambar, que deveria gostar de pagode, que deveria jogar bem futebol, que os negros são bons no atletismo” (Tenório, 2020, p. 29-30).

Durante a última abordagem que Henrique vivenciou, a que lhe levou a vida, podemos encontrar uma confluência entre os preconceitos vinculados à aparência do corpo negro e ao papel que normalmente lhe é atribuído pela sociedade, de sujeito marginalizado e criminoso. Assim, como discutido por Fanon, o diagnóstico do adoecimento causado pelo racismo apresenta uma dimensão social, na qual se manifestam “fobias” que estão associadas ao corpo negro, situadas entre o desejo, o medo e a rejeição, uma vez que o corpo negro é visto como sexualidade e marginalizado. Essa “fobia” parece atravessar o comportamento dos policiais impressionados pela morte de um colega, principalmente daquele que passa a sonhar com o possível autor do crime – para ele, um homem negro:

O primeiro tiro pegou no seu ombro, e foi como se você tivesse levado uma pedrada forte. O segundo foi no peito, dilacerante, uma dor difícil, não tão forte como as outras dores que tocaram o seu corpo, mas ainda uma dor difícil. O terceiro tiro foi dado por ele, pelo policial que tinha tendo pesadelos com homens negros invadindo a sua casa. Um tiro certo na sua cabeça. Outros vieram simultaneamente [...]. (Tenório, 2020, p. 186)

Desse modo, quando se depara com Henrique em uma situação nada suspeita para o professor, que apenas retornava para a sua casa depois de um dia de trabalho, policiais alvejaram o seu corpo, tomando-o como um bode expiatório para liberar o seu desejo de violência e vingança.

Portanto, todas essas experiências vividas pelo pai de Pedro estabelecem uma desconfiança em relação ao impacto contínuo das experiências do racismo que desgastam tanto a sua saúde mental, como as suas relações familiares com a esposa e o filho. Além disso, o racismo também cria um ambiente de insegurança, uma vez que faz com que o indivíduo negro viva sob a expectativa de serem violentados por instituições. Nessa perspectiva, o racismo se manifesta como um adoecimento do sujeito, marcando-o com feridas abertas e difíceis de cicatrizar, e social, uma vez que a marginalização se torna parte do cotidiano dos indivíduos negros. Logo, a lembrança dos eventos traumáticos podem ter um certo efeito curativo para o narrador, ou seja, Pedro ao revisitar as memórias do pai, transforma a dor em uma oportunidade de crescimento. Assim, esse processo de elaborar as experiências passadas possibilita que ele construa sua identidade de forma mais resistente.

Considerações finais

Nossa pesquisa apresentou como o racismo estrutural tem um impacto contínuo na psique de cada personagem. Então, apesar de Pedro não ter vivenciado os eventos traumáticos vividos por seu pai, ele, de certa forma, carrega essas marcas do trauma, deixando claro como o racismo afeta tanto o presente quanto o futuro das gerações que carregam as consequências da opressão. Dessa maneira, usamos autores como Fanon e Freud para explorarmos como os traumas são internalizados.

Assim, ao longo desta pesquisa foi possível alcançar o seguinte objetivo: investigar como o racismo estrutural, conforme retratado em *O avesso da pele*, colabora para produzir traumas que são resgatados pela memória dos personagens, especialmente no contexto das experiências de Henrique. Durante o estudo, pôde-se deparar com um ponto crucial na obra de Tenório: a discussão sobre a raça e o racismo. Dessa forma, constatou-se que as marcas causadas pelo racismo na vida de Henrique permaneceram na vida de Pedro como uma memória, uma recordação indireta (a pós-memória) sobre a dor, a afetividade e os laços familiares, ilustrados no romance em especial pela relação entre pai e filho.

Logo, essas discussões possibilitaram percebermos como o indivíduo negro é marcado por estereótipos associados ao corpo como a força e a resistência desde o período colonial até

a atualidade. Essas imagens negativas estariam ligadas à marginalidade e à criminalidade. Assim, o romance *O avesso da pele* denuncia como essa estereotipação é atribuída de forma preconceituosa aos personagens do enredo constituindo o racismo, que pode ir da agressão física ao assassinato, antes permeando os âmbitos emocional e psicológico.

Em síntese, em *O avesso da pele*, Jeferson Tenório trouxe uma discussão e uma reflexão acerca dos preconceitos arraigados na sociedade, uma vez que explorou as diferentes formas de racismo vivenciadas tanto por homens quanto por mulheres negras. Dessa forma, ao revelar as complexidades do racismo estrutural, o autor abre espaço para discutir a respeito da identidade, da resistência e do luto.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Francisca Luana Rolim; Lins, Risonelha de Sousa. Corpo negro, corpo em risco: uma leitura das complexas relações raciais em *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório. *Id online. Revista Multidisciplinar de Psicologia*, São Paulo, v. 54, n. 14, p. 478-488, fev. 2021.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.

DUNKER, Christian. Sofrimento e racismo sob a perspectiva da psicanálise. In: Costa, J. F. Et al. *Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os*, Brasília, DF, 2021. p. x-y. *Relações Raciais na Escuta Psicanalítica*.

FÁBIO Durão. *O que é crítica literária?* São Paulo: Nankin, 2016.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Sebastião Nascimento. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREUD, Sigmund. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Trad. Paulo César de Souza. Autêntica, 2017.

LLEDÓ, Júlia. Fraturas existenciais de Jeferson Tenório. *Sesc São Paulo*, 07 set. 2023. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/fraturas-existenciais-de-jeferson-tenorio/>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARKO, Katia. "Vivemos uma primavera literária negra", diz escritor Jeferson Tenório, autor de *O avesso da pele*. *Brasil de Fato*, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/20/vivemos-uma-primavera-literaria-negra-diz-escritor-jeferson-tenorio-autor-de-o-avesso-da-pele>. Acesso em: 24 set. 2024.

MBEMBE, Achille. *Políticas de inimizade*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: -1. 2021.

PIVETTA de Oliveira, Rejane. *Pesquisa Literária em foco: Tendências, possibilidades e impasses. Nonada: Letras em Revista*, Porto Alegre, v. 1, n. 12, p.6, mayo-sept., 2009.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, E. L.; Menezes, E. M. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SOLER, Colette. *Caderno de Stylus. Revue de Psychanalyse – Champ Lacanien*, Paris, n.

1, p. x-y, mai 2010.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Obras citadas

Tenório, Jeferson. *O beijo na parede*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

Tenório, Jeferson. *Estela sem Deus*. Porto Alegre: Zouk, 2018